



Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens 2

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-070-4
DOI 10.22533/at.ed.704192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DESEMPENHO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA EM UM TESTE ESCRITO	
Ariane Moreira Tavares Eduardo Batista da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7041925011	
CAPÍTULO 2	17
(DES) ENCONTROS, O MUNDO UNE E SEPARA: O ENTRE-LUGAR EM GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO	
Josiane Lopes da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.7041925012	
CAPÍTULO 3	26
DIÁLOGO ENTRE CÂNONE E PRODUÇÃO DE FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: DO TRADICIONAL AO ATUAL	
Kátia Cristina Pelegrino Sellin Ricardo Magalhães Bulhões	
DOI 10.22533/at.ed.7041925013	
CAPÍTULO 4	37
DIÁLOGO SOCIAL E FORÇAS ESTRATIFICADORAS DA LÍNGUA: UMA ANÁLISE DIALÓGICA ATRAVÉS DAS RÉPLICAS ATIVAS NAS PUBLICAÇÕES DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL) NO INSTAGRAM	
Manuel Álvaro Soares dos Santos Erika Maria Santos de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7041925014	
CAPÍTULO 5	52
ENEIDA MARIA DE SOUZA: A CRÍTICA QUE É A MIM TÃO CULT	
Camila Torres Edgar César Nolasco dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7041925015	
CAPÍTULO 6	64
ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA SURDOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Iris Cynthia de Souza Ferreira Antonio Henrique Coutelo de Moraes Madson Góis Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.7041925016	
CAPÍTULO 7	73
ENTRE O NADA E O TUDO- A MORTE HUMANA	
Denise Moreira Santana Nathália Coelho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7041925017	
CAPÍTULO 8	83
EDUCAÇÃO PARA A LUTA: UMA LEITURA DO CONTO “FAUSTINO”, DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA	
Diana Gonzaga Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.7041925018	

CAPÍTULO 9	90
ESPAÇO E OPRESSÃO EM SELVA TRÁGICA DE HERNÂNI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.7041925019	
CAPÍTULO 10	101
<i>ESPAÑOL CON FINES ESPECÍFICOS: ESTRUTURANDO UMA DISCIPLINA DE ESPAÑOL DE LOS NEGOCIOS</i>	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
Silvia Renata Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.70419250110	
CAPÍTULO 11	115
EXISTENCIALISMO E SURREALISMO EM DESERTO DOS TÁRTAROS DE DINO BUZZATI: ANÁLISE DA RELEITURA CINEMATOGRAFICA DE VALERIO ZURLINI	
Sandra dos Santos Vitoriano Barros	
Helciclever Barros da Silva Vitoriano	
DOI 10.22533/at.ed.70419250111	
CAPÍTULO 12	127
O FACEBOOK E O ENSINO DE LÍNGUA: UMA PROPOSTA POSSÍVEL	
Josefa Maria dos Santos	
Benedito Gomes Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.70419250112	
CAPÍTULO 13	145
IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DO USO DA INTERTEXTUALIDADE NO ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO	
Ronaldo Miguel da Hora	
DOI 10.22533/at.ed.70419250113	
CAPÍTULO 14	159
LEITURAS ROSIANAS: COMICIDADE, CULTURA E LITERATURA	
João Paulo Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.70419250114	
CAPÍTULO 15	167
LITERATURA E AS MÍDIAS VISUAIS: UMA RELAÇÃO	
Lídia Carla Holanda Alcantara	
DOI 10.22533/at.ed.70419250115	
CAPÍTULO 16	177
LITERATURA E TANATOLOGIA EM QUESTÃO: QUANDO A MORTE FALA DA VIDA	
Katrícia Costa Silva Soares de Souza Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.70419250116	
CAPÍTULO 17	190
MACABÉA FRENTE AO ESPELHO: DISSONÂNCIAS PROLÍFERAS E RESSONÂNCIAS DO GAUCHE DRUMMONDIANO	
Saul Cabral Gomes Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.70419250117	

CAPÍTULO 18	200
MEMÓRIA CULTURAL: ANÁLISE DA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO INDÍGENA BRASILEIRO POR MEIO DO CONHECIMENTO ANCESTRAL	
Aline Santos Pereira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.70419250118	
CAPÍTULO 19	211
NARRADOR E FOCALIZAÇÃO NO ROMANCE <i>ÍRISZ: AS ORQUÍDEAS</i> , DE NOEMI JAFFE	
Josilene Moreira Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.70419250119	
CAPÍTULO 20	221
NARRADORES DE JAVÉ: UMA ANÁLISE DA LÍNGUA COMO INTERPRETANTE DA SOCIEDADE	
Aline Wieczikovski Rocha	
Catiúcia Carniel Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.70419250120	
CAPÍTULO 21	231
NARRATIVAS DE PROFESSORAS: PRESENCAS E SENTIDOS DE PRÁTICAS LEITORAS NA CRECHE	
Luziane Patricio Siqueira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.70419250121	
CAPÍTULO 22	242
“NAVEGANDO À TERRAS DISTANTES”: TEATRO CONTEMPORÂNEO PARA CRIANÇAS	
Diego de Medeiros Pereira	
Simoni Conceição Rodrigues Claudino	
DOI 10.22533/at.ed.70419250122	
CAPÍTULO 23	255
O DESAFIO DAS LITERATURAS INDÍGENA E AFRO-BRASILEIRA: AÇÕES DE RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA	
Ana Claudia Duarte Mendes	
Dejair Dionísio	
DOI 10.22533/at.ed.70419250123	
SOBRE A ORGANIZADORA	270

EDUCAÇÃO PARA A LUTA: UMA LEITURA DO CONTO “FAUSTINO”, DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA

Diana Gonzaga Pereira

Universidade Federal de Viçosa
Viçosa, Minas Gerais

RESUMO: Pretende-se, no presente artigo, incentivar o ensino das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa na sala de aula, bem como discutir as possibilidades e direitos dos cidadãos à educação. Para esta proposta pedagógica, serão analisados fragmentos do conto “Faustino”, de autoria do angolano José Luandino Vieira, publicado no livro *A Cidade e a Infância*, em 1957. Como suporte para esta proposta, também serão abordados pressupostos teóricos do pedagogo Paulo Freire e do filósofo Michel Foucault. É importante para o professor estar atento às novas manifestações literárias e, neste sentido, a Literaturas Africanas vêm enriquecer o ensino de Literatura, não apenas por sua importância para o resgate das raízes culturais brasileiras, mas também como um instrumento de denúncia e de luta a favor da inclusão e igualdade de direitos na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e Ensino. Ficção contemporânea Africana. Sociedade.

ABSTRACT: In this article, we intend to encourage the teaching of African Literature of Portuguese Expression in the classroom, as well as to discuss the possibilities and rights

of citizens to education. For this pedagogical proposal, we will analyze fragments of the short story “Faustino”, written by Angolan José Luandino Vieira, published in the book *A Cidade e Infância*, in 1957. As support for this proposal, also will be approached theoretical assumptions of pedagogue Paulo Freire and of the philosopher Michel Foucault. It is important for the teacher to be attentive to the new literary manifestations and, in this sense, the African Literatures come to enrich the teaching of Literature, not only for its importance to the rescue of the Brazilian cultural roots, but also as an instrument of denunciation and struggle to favor of inclusion and equal rights in society.

KEYWORDS: Literature and Teaching. Contemporary African Fiction. Society.

A humildade exprime uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém.

Paulo Freire

Uma criança, um professor, um livro e um lápis podem mudar o mundo.

Malala Yousafzai

Iniciaremos este artigo a partir do seguinte pressuposto, transcrito da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS)

O artigo vigésimo sexto da Declaração Universal dos Direitos Humanos é preciso no que diz respeito ao direito e ao acesso de todas as pessoas à Educação, independentemente de classe, raça, crença ou de quaisquer outros fatores. Em virtude disso, o governo, em parceria com a comunidade, tem o objetivo de fazer valer, na prática, este pressuposto.

Paulo Freire, em seu livro, *Pedagogia do oprimido*, analisa as relações de poder que se estabelecem na sociedade e afirma que a *palavra*, ou melhor, o conhecimento da palavra – entende-se o nosso discurso e o dos outros – é uma (e talvez a única) forma de libertação diante da opressão diária, em todas as suas mazelas (FREIRE, 1987).

A principal forma de opressão, à qual Freire se refere – e interfere – é a relacionada à educação. Ao se defender uma *práxis*, na qual o ensino deveria ser baseado na relação equivalente entre aluno, professor e contexto, de modo que a troca de conhecimento proporcionadas por esses elementos se desse de maneira recíproca, algumas justas considerações merecem ser levantadas.

A primeira, que se sobressai às outras, é quanto à definição desses sujeitos, agentes ou pacientes, ou seja, quem é o opressor e quem é o oprimido. A seguinte poderia ser acerca dos motivos pelos quais consta na Declaração Universal dos Direitos Humanos, um artigo voltado à defesa e garantia de todos à educação. Numa terceira, poderíamos questionar o porquê de, mesmo com esses direitos assegurados, o que se vê, na realidade, é uma prática completamente diferente e um ensino precário, decadente e, socialmente, pouco útil. Poderíamos, ainda, problematizar uma quarta questão, sobre o posicionamento dos governos em relação a propostas realmente efetivas no sentido de melhorar ou, ao menos, minimizar os prejuízos de diversas ordens que se desenvolvem paralelamente ao problema de políticas públicas qualitativas voltadas à educação.

Vamos nos ater a essas, em princípio. Para tentar respondê-las, tomaremos como ponto de partida, o pensamento de Michel Foucault, a respeito das relações de poder. Há, segundo o filósofo, estruturas de dominação, que, automaticamente, garantem a manutenção do poder do dominador em detrimento do dominado. Essa *microfísica* do poder, como denomina, abrange todo o sistema que rege a sociedade – cada época, com sua *episteme*, ou seja, seu conjunto de valores e normas que ditam a conduta do indivíduo a fim de integrá-lo ao coletivo – de modo que é impossível que o sujeito se dissocie dessa lógica sistematizada, ou, quem o fizer, será facilmente taxado como louco (não vamos entrar, aqui, na questão da loucura, também analisada por Foucault). (Cf. FOUCAULT, 1978).

Quem é, portanto, o opressor e o oprimido? É óbvio que a figura do opressor vem de cima, dos ricos, dos governos, das leis. E o oprimido é a população, são os pobres, os analfabetos, os negros, a marginalidade, em geral. Mas o que Foucault traz à tona é uma observação que vai além do óbvio. A sociedade normatizada, que ele analisa não é outra senão aquela em que os indivíduos vivem oprimidos pelas leis, mas, principalmente, pelas normas. Fica explícita, portanto, a dificuldade em sair da opressão, já que é a própria sociedade que normatiza a conduta dos sujeitos e são estes que as determinam, de maneira que, podemos concluir, o oprimido perpetua a opressão.

Para exemplificar essa primeira questão, utilizaremos alguns fragmentos retirados do conto “Faustino”, de José Luandino Vieira, presente na obra *A cidade e a infância*, de 1957. Vale lembrar que se trata de um autor português naturalizado angolano e o espaço é constituído, portanto, neste cenário.

Faustino é o seu nome. Faustino António.

O dia inteiro ele tira o boné, abre a porta do elevador, fecha a porta do elevador, tira o boné, abre a porta do elevador.

_ Bom dia, m'nha senhora!

_ Muito obrigado m'nha senhora!

Às vezes descansa. O prédio só tem três andares. Mas há os miúdos todos que brincam no elevador. E ele é o responsável. Pelo elevador e pelos meninos. (VIEIRA, 2007, p. 79)

A constituição da personagem Faustino, negro, operador do elevador é objetiva quanto à sua profissão e posição social, mas, é nas entrelinhas que se configura seu caráter e personalidade. Trata-se de um homem polido e claramente, normatizado, condicionado a agir do modo como age, tirando e colocando o boné em sinal de respeito àqueles que utilizam de seu serviço.

Ele sorri sempre. Ganhou aquele jeito de sorrir, apanhou aquele jeito, pois naquele trabalho, tem de ser assim (...)

_ Negro! Disse o menino deitando a língua de fora.

Faustino sorriu. Sorri sempre. (Ibid, p. 80)

Faustino está condicionado a fazer o seu trabalho da melhor maneira possível. E o faz. Faz até além do que deveria, operando o elevador e vigiando as crianças que por lá brincam.

Apoiados no exemplo de Faustino, podemos analisar o segundo e o terceiro questionamento apontados anteriormente. Consta, na DUDH (Declaração Universal dos Direitos Humanos) que todas as pessoas têm acesso à educação. Ora, se há a necessidade de uma cláusula específica sobre a obrigatoriedade e garantia de educação a todos, isto se deve ao fato de que, provavelmente, a muitos, esse acesso é negado ou negligenciado. Logo, para entendermos o porquê de, mesmo constando

na Declaração, ainda haver pessoas que não usufruem desse direito, recorreremos, novamente, ao pensamento de Foucault a respeito da sociedade normativa.

Contrariando a Lei e priorizando a norma, vemos em Faustino o exemplo perfeito da opressão sofrida pela personagem no meio em vive, porque tinha o hábito, ou melhor, o gosto pelo estudo.

Mas quando tinha um momento livre senta-se na cadeira da sua pequena mesa e estuda. Geometria. Geografia. Vai lendo o livro de leitura. Os olhos abrem-se com as palavras e o cérebro baralha-se com o que está escrito. “A casa” A casa tem muitos quartos. O quarto disto. O quarto daquilo. O quarto das costuras. O quarto das crianças.

O quarto das crianças! Mas em casa dele os irmãos pequenos (...) dormem todos juntos com a irmã e a mãe!

Os olhos mostram-lhe casas novas. Casas nunca vistas no seu mundo. Nem mesmo no bairro dos brancos. Faustino estuda para fazer o exame da quarta classe. (VIEIRA, 2007. p. 80)

O desejo do operador de elevador de continuar estudando (e ele pretende concluir, a princípio a quarta classe, isto é, um grau mínimo de escolaridade), fato que deveria ser louvado, lhe é escancaradamente retirado. Não pela lei, mas pela norma, afinal, por que um preto deveria estudar? Quanto mais um preto que já tinha um emprego, o que não era muito fácil na Angola colonizada...

Então hoje não rega as avencas e a relva? As flores estão quase murchas. Caramba! P'ra que é que te dão duzentos angolares por mês? Já não tens idade para estudar. Estudar não é para ti. Trabalha, trabalha. Tens de lavar as escadas... (Ibid. p. 81)

Há uma necessidade, por parte do poder, em manter as coisas como estão, de modo a garantir a ordem e impedir mudanças. O que Paulo Freire chama de Pedagogia da Libertação não é admitido em Angola, neste período – até porque, ainda segundo Freire, a escola é, antes de tudo, um espaço político e, estamos falando de um país ainda sob domínio de Portugal.

É interessante notar o contraponto que há, no conto de Luandino, a respeito do posicionamento das esferas estabelecidas pelas classes. As crianças, brancas, moradoras do prédio onde Faustino trabalhava, colocam-se de maneira oposta a do empregado, em relação aos estudos:

E ficava triste quando via a senhora do terceiro gritar para a filha, menina sardenta dos seios púberes:

_ Belita, vem estudar!

_ Não quero, mãe!

Ficava triste porque ele queria estudar. (Ibid. p. 83)

A personagem fica triste porque queria estudar e este direito, se não lhe era, teoricamente, negado, era, constantemente, debelado. E o seu desejo não é bem visto

pelos componentes desse sistema hierárquico. Percebemos, mais adiante, que nem mesmo a professora, que é quem deveria dar o suporte para que Faustino seguisse seus estudos, consegue se desatar das normas que lhe são estabelecidas.

Três andares de escadas esfregadas com piaçaba!

Eué, não ia ter tempo hoje de estudar Geometria. A sô pessora ia ralhar outra vez. Ele bem dizia que às vezes não tinha tempo. Mas a senhora tirava os óculos e respondia irritada:

_Quem não tem tempo, não estuda! (VIEIRA, 2007, p. 81)

A figura de Faustino merece destaque por configurar a oposição ao sistema normativo vigente. Ele é um negro que quer, mais do que isso, gosta de estudar. Ao contrário das grosserias que lhe eram constantemente dirigidas, ele mantém a sua educação e, opondo-se mais uma vez à rudez do seu ambiente hostil, ele é sensível:

Aiué, Faustino, tem de ser primeiro as flores. Disso ele gostava. Gostava muito de flores, de capim. O que ele estudava melhor eram as Ciências. Sabia tudo.

Faustino gostava de flores. Regava-as com carinho, não deixava cair a água muito perto, salpicando-as só. Depois colhia uma e dizia em voz baixa:

_ Pedúnculo, cálice, corola... (Ibid, p. 81 - 82)

São estas mesmas flores, arrancadas por ele, que alegorizam o rompimento de Faustino com o sistema que o oprime. As flores que o operador de elevador planta, cuida e estuda simbolizam o seu florescimento em relação ao seu mundo. A oposição, mais uma vez presente, agora se configura por questionamentos pessoais da personagem. Percebemos, portanto, a ação do poder avassalador da educação emergente neste contexto.

Faustino agora poderia se perguntar: quem é, de fato, o superior, o evoluído, o privilegiado? Nas mãos de quem estava, realmente, o poder de ir à luta? Haveria, na verdade, uma distinção fundamentada entre brancos e negros, capaz de justificar tamanho desrespeito? E, o mais importante, haveria como romper as amarras que o prendia àquela situação, que era sua e de toda uma nação discriminada? Sim. Para esta última pergunta, a resposta é sim e, esta, Faustino, provavelmente, já aprendera em um de seus livros, na sua pequena mesinha, no canto do elevador, no pouco tempo que lhe sobrava para os estudos. Ele sabia, na verdade, de muitas coisas. Sabia que aquele sistema estava errado. Sabia onde estava a solução. Sabia que deveria fazer alguma coisa. E faz.

O encarregado vem ralhar-lhe, como de costume:

_Que chatice! Já te disse mais uma vez que o teu trabalho não é estragar as flores. Estás aqui para regares e não para lhes tocares. As flores são para a senhora do prédio. Qualquer dia vias para a rua. Pretos há muitos para este emprego. Ora esta, a mexer nas flores! Isso não é para as tuas mãos. Anda lá. Anda lá depressa a regar o jardim que ainda tens de lavar as escadas. (VIEIRA, 2007, p. 82)

Esperando, talvez, a submissão de Faustino diante da grosseria – tirar o boné, sorrir e colocar o boné – o encarregado não contava com a mudança de postura do porteiro:

Faustino não sorriu. Não gostava que o encarregado dissesse aquilo. Flores são flores, não são de um nem de outros. São de todos. Nascem da terra se os brancos plantam ou se os pretos plantam. E não nascem mais bonitas por serem plantadas por brancos. (Ibid, p. 82)

Essa passagem, essa resposta de Faustino, é a concretização da mudança que ele vive a partir de sua visão adquirida com os estudos. Estudar lhe abriu a mente, a visão, o caminho, os outros caminhos.

Cortou mais uma flor. Despiu a farda e pegou nos seus livros. O encarregado correu atrás dele (...)

Pelo caminho abriu as Ciências, pensou em Maria, os dois sem emprego, e foi desfolhando a última flor colhida:

_Cálice, corola, androceu... (Ibib, p. 83)

Mesmo sabendo que não seria fácil dali em diante, Faustino foi capaz de sair de sua situação opressora e o fez, como dito por Paulo Freire, com a única arma capaz de fazê-lo: o acesso à educação. Seria redundante dizer que podemos ter a dimensão dessa transformação pelo que foi retratado na obra de Luandino. Com o pouco contato com os estudos, Faustino muda – não se sabe o que é feito desse personagem – mas, sabemos que a mudança já ocorreu. O pensamento crítico, questionador já foi semeado em seu canteiro e, se é verdade que colhemos o que plantamos, é possível concluir que Faustino, em breve, florescerá nas terras que são tão suas, como de todos os outros.

Retornando ainda uma vez, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, percebemos que a maior luta, não é outra, senão permitir, em qualquer esfera de poder em que estejamos, que outras pessoas tenham acesso a essa arma transformadora.

Malala Yousafzai, em seu discurso na Organização das Nações Unidas, em 12 de julho de 2013 (Dia de Malala, como ficou conhecido) diz, sobre o acesso à educação: “Só percebemos a importância da luz quando vemos a escuridão. Percebemos a importância da nossa voz quando somos silenciados. Percebemos a importância de lápis e livros quando vimos as armas” (YOUSAFZAI, 2013).

A educação é potente ao ponto de assustar os centros mais autoritários do poder. A educação é, na verdade, o poder. O poder de insubmissão, de questionamento, de libertação.

Faz parte do instinto dos poderosos negar o acesso a ela aos que estão subordinados, porque são imperiosos em muitos aspectos, mas sabem que não há arma, espada ou guerra capaz de vencer a educação. Por isso, na literatura, a

hostilidade para com o negro Faustino, que “era um negro porteiro que tinha mania de estudar” (VIEIRA, 2007, p. 83). Por isso, na vida real, a bala contra a cabeça de Malala, no Paquistão. Por isso o “acidente” que calou Anísio Teixeira ou o assassinato do professor Carlos Mota, no Rio de Janeiro. Por isso, tantos atentados às escolas pelo mundo. Por isso, o descaso do governo com a educação. Se ninguém fosse privado desse direito, os impérios não se sustentariam porque não houve e não haverá um só caso em que a força vence o esclarecimento. Por isso, a luta!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

VIEIRA, JosLuandino. *A Cidade e a Infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

YOUSAFZAI, Malala. *Eu sou Malala: a história da menina que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Introduction.aspx >Acesso em: 19/11/2016 (Declaração Universal dos Direitos Humanos)

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-070-4

